



BALZAC O ROMANCE DA SUA VIDA

Carlos Eduardo do Prado

Orientadora: Maria Elizabeth Chaves de Mello

Doutorando

RESUMO: Este artigo apresenta o início da nossa pesquisa, desenvolvida para a construção da tese de doutorado, cujo objetivo será analisar a biografia escrita sobre Balzac por Stefan Zweig, tendo como problemática principal a relação entre biografia e biografado e sua conexão com a vida retratada, bem como o espaço ficcional e seus conflitos existenciais. A biografia, neste trabalho, não será vista como simples reflexo, mas como o vazio a ser preenchido pela pena do autor/personagem. O tempo vivido, agora biografado, permite que os personagens se liberem dos limites impostos pelo real. Neste processo, o narrador é o elo fundamental entre o real e o ficcional e suas contribuições são fundamentais para a construção da narrativa biográfica. Honoré de Balzac teve uma vida muito agitada, marcada por grandes e eloquentes ideias e uma quantidade infindável de dívidas, que o levaram a escrever para sobreviver. De família burguesa, foi desprezado por uma mãe que o via como um fracassado. Guiado por ideias grandiosas de riqueza e luxo, Balzac se aventurou na grande Paris do século XIX, infiltrando-se nos salões (e também na intimidade) de algumas representantes da antiga monarquia francesa, que ainda sobreviviam neste cenário. Adorado pelo público, foi ignorado em vida pelos colegas escritores e pela Academia Francesa de Letras. Sua vida foi um grande romance. Será a partir dos elementos deste mundo de Balzac, que surgirá em 1950 o romance biográfico *Balzac – le roman de sa vie*, no qual Stefan Zweig não apenas escreve uma biografia, mas devido ao seu magistral talento como escritor e biógrafo, temos a oportunidade de ver uma apaixonada evocação do mito Balzac.

PALAVRAS-CHAVE: Balzac; Biografia; Stefan Zweig.

O mundo da biografia sempre me fascinou, e o gênero (auto) biográfico me acompanha desde o momento em que escolhi me dedicar às letras e ao estudo da literatura. De Clarice Lispector, passando pela realeza brasileira (Dom Pedro II, Carlota Joaquina, Marquesa de Santos), e, claro como não poderia faltar, pela monarquia francesa: *Madame Pompadour*, *Louis XVI*, *Marie Antoinette* (em várias publicações traduzidas para o português e uma em francês) as biografias sempre estiveram comigo neste meu caminhar no mundo das letras.

Foi a minha fixação por *Marie Antoinette* que me levou a comprar uma versão francesa, *livre de poche* de 1993, do escritor alemão Stefan Zweig. Até então, eu não tinha lido nenhuma obra do mesmo, e só tinha algumas informações sobre ele, pois logo ao chegar ao Rio de Janeiro, em 1997, morei durante o ano de 1998 na cidade de Petrópolis.

Em Petrópolis, Stefan Zweig e sua segunda esposa, Lotte, encontraram a tranquilidade que tanto desejavam, em uma época atribulada por uma Europa em guerra. Após cinco meses da sua chegada à serra, tomado por um misto de ansiedade e falta de esperança diante de um mundo completamente em guerra, Zweig e sua esposa eternizaram suas vidas, ao cometerem suicídio. Hoje em dia, no local da sua última morada, funciona o Museu Casa Stefan Zweig e o Memorial do Exílio, lugar de homenagem aos exilados e emigrados que contribuíram para o desenvolvimento das artes, cultura e ciências nacionais.

Ao começar a ler a biografia da última rainha francesa, traduzido do alemão para o francês, comecei a perceber a forma deliciosa com que Zweig construía, a cada página, a figura humanizada daquele personagem tão importante e polêmico da história da França. Segundo com Alberto Dines, em seu prefácio *Marie Antoinette c'est moi* na versão brasileira de Maria Antonieta – Retrato de uma mulher comum (ZWEIG, 2013), era como se o escritor estivesse desenhando uma projeção de si mesmo.

Meu primeiro contato com a obra de *Honoré de Balzac* foi na época da minha graduação em letras na Universidade Federal Fluminense. Amor à primeira vista, mergulhei no mundo de Balzac. Inocentemente, imaginei a leitura completa da colossal Comédia Humana, mas limitado como todo mortal, tive que me contentar com partes desta obra. Em alguns meses, fiz a leitura dos livros: *Le Père Goriot*, *Le Colonel Chabert*, *Eugène Grandet et Illusions Perdues*.

O que mais me chamou atenção na obra de Balzac, foi a diversidade balzaquiana e a forma genial como ele retrata toda a sociedade francesa, com todas suas virtudes e defeitos, demonstrando desta forma a sua originalidade e genialidade. Além da sua característica particular ao descrever, Honoré de Balzac oferece ao leitor um retrato detalhado dos seus personagens e nos revela, na sua escrita, características pessoais, vícios e paixões dos mesmos.

No trabalho hercúleo de recriar toda uma sociedade (aproximadamente três mil personagens), Balzac, ao evidenciar os diferentes tipos humanos, criou para cada um deles, um sistema de modos e costumes e toda uma filosofia. O meio social de cada um influenciará na sua forma de agir e interagir com o mundo e os outros personagens. Outro ponto brilhante no seu processo de criação está na presença de alguns personagens em diferentes momentos da sua grande obra, ora como personagens principais, ora como secundários. Será a partir destes pontos, que o leitor criará sua teia de relações entre os personagens, estrutura fundamental para sustentar este projeto maior chamado Comédia Humana.

Balzac percebeu que a sociedade se assemelhava à natureza, surgindo daí a comparação entre a Humanidade e a Animalidade. Segundo ele, em seu prefácio da Comédia Humana intitulado *A consciência artesanal* (BALZAC apud SOUZA, 2011) as diferenças entre os diferentes tipos de pessoas (soldado, operário, advogado, desocupado, padre, marinheiro, poeta) são tão consideráveis quanto aquelas que distinguem toda a fauna (o lobo, o leão, o burro, o corvo, etc.). O que nos diferencia dos animais, é que entre os estes existem poucos dramas; o ataque acontece e ponto final. Já no mundo dos homens, o ataque também acontece, porém, a sua menor ou maior inteligência tornaria mais complicado o combate.

Será em 1833, com 34 anos, que Balzac, o “historiador de costumes” apresentará o desejo de unificar tudo aquilo que ele havia escrito com apenas três títulos coletivos: Estudos de costumes, Estudos filosóficos, Estudos analíticos.

Ainda sobre sua criação, Balzac termina o prefácio da Comédia Humana traçando um paralelo entre o historiador e o escritor:

Fiz melhor que o historiador, sou mais livre ... [...] A história não tem por lei, como o romance, inclinar-se na direção do belo ideal. A história é ou deveria ser o que foi, enquanto o romance deve ser o mundo melhor, disse Madame Necker. (BALZAC apud SOUZA, 2011, p.391-392)

Veja-se que, desta forma, demonstro minha total admiração por Balzac, o que por sua vez aguçou minha curiosidade em saber um pouco mais da sua vida, e não apenas as informações contidas nos manuais. Ao discutir o processo de criação literário em uma aula na pós-graduação, surge uma indicação de leitura a história da vida de Balzac escrita por Stefan Zweig.

Como eu poderia deixar passar esta oportunidade? Dois autores com quem me identifico e que estão ligados pela linha da criação através da relação biógrafo – biografado. Livro encomendado, uma semana depois a leitura começa.

Mais uma vez, diante de mim, uma deliciosa obra escrita por Stefan Zweig. A construção deste *portrait* transita entre o terreno da biografia, com fatos comuns a qualquer ser humano, ou seja, nascimento, estudos, relações interpessoais, qualidades e defeitos. Por não se tratar apenas de um relato de acontecimentos cronologicamente organizados a partir do fio condutor temporal, Zweig vai tecendo a história a partir de fatos reais da vida de Balzac, apoiando-se na própria obra do escritor francês.

Será em 1920 que o autor lançará sua primeira obra sobre Balzac. Foi o ensaio sobre o escritor francês e mais dois grandes autores, livro chamado *Trois maîtres Balzac, Dickens, Dostoïevski*. Com a primeira parte do livro dedicada ao grande escritor francês do século XIX, cinquenta páginas ao todo, Zweig mostra de forma apaixonada a vida daquele que será uns dos seus últimos biografados. Em um ensaio que mistura pontualmente os fatos reais da vida do escritor francês, e várias reflexões sobre sua vida, Zweig deixa extremamente claro que a partir desta primeira incursão no mundo balzaquiano, a sua vontade de biografá-lo não poderia ser deixada de lado. Não satisfeito com o resultado do seu ensaio, a vontade se transformou na ideia fixa de criar uma biografia para o grande escritor francês do século XIX.

De uma maneira magistral, Zweig constrói sua narrativa sobre Balzac misturando trechos da obra e também da correspondência entre o escritor, seus familiares, seus amigos e suas amantes. Tudo isso minuciosamente selecionado e trabalhado na construção da narrativa da vida do escritor francês. Zweig trabalha como um cirurgião, que, com sua mão firme, rasga a pele do paciente com o bisturi para deixar agir sua arte e depois torna a fechá-lo novamente com destreza e habilidade, reestabelecendo a integridade daquele ser, que passa, após esta intervenção, a não ser mais aquele que inicialmente se entregou às mãos do médico/autor.

A arte de Stefan Zweig está na sua capacidade de preencher os espaços vazios da narrativa biográfica, transformando toda a história do biografado. Ele age nos pontos onde a imperfeição da vida real deixou suas marcas e através do seu toque ficcional, que só um grande artista seria capaz de fazer, transforma este novo ser e esta nova realidade em algo que se encontra no limite entre a realidade e ficção.

Depois dos *Trois Maîtres*, Zweig fez uma grande pesquisa sobre o escritor francês até o ano de 1930, iniciando o trabalho de redação na Inglaterra às vésperas da Segunda Guerra Mundial. Ao fugir da Inglaterra dominada pelos alemães, deixou em sua casa em Bath o seu tão querido manuscrito sobre o escritor francês. Deixa para trás tudo que é querido e sem opção lança-se mais uma vez à procura de paz. Deixa para trás sua casa, seu cachorro, seu Balzac, sua vida.

Ironia do destino ou não, em um de seus delírios, Balzac na tentativa de enriquecer, cogita lançar-se em um projeto no Brasil e aqui enriquecer. O Brasil é próspero diante desta Europa mesquinha, que só a alguns proporciona riqueza e fartura.

Se no plano das ideias e dos sonhos o mundo dos dois se cruza, o desejo de ter uma vida abaixo do equador por Balzac, rapidamente transforma-se em passadão concretizado.

A Zweig o destino não lhe dá outra chance a não ser fugir para o paraíso. Aqui chega não para enriquecer, mas sim para tentar sobreviver e juntar seus pedaços.

Instalado no Brasil, será em Petrópolis que ele receberá seu Balzac em 1941. Com o pacote onde estava embalado o manuscrito, esperava encontrar a força de vontade, essa garra de viver, este viver em demasia de Balzac. Acreditava que do biografado receberia também sua vitalidade e ânimo.

Infelizmente não recebeu nada. O problema está em seu interior, está na sua alma, está na sua incapacidade de continuar vivendo. O mundo já não corresponde às suas expectativas. Sem lugar no mundo, preso a um passado que não existe mais, sente-se e vive perdido também no paraíso.

Inicialmente, o projeto da biografia de Balzac era composto por dois volumes, e será somente em 1950, com Zweig já morto, que este livro será publicado em apenas um volume. Zweig recebeu o material suficiente para apenas um volume, *Balzac le roman de sa vie*, pois a maioria das anotações, cartas, e outros documentos que seriam utilizados no volume dois, foram deixados em sua casa em Bath. Não pode concluir o projeto inicial.

Na edição de 1996, que chegou em minhas mãos, eu não encontro apenas uma biografia, mas sim um romance biográfico, no qual vislumbramos o relato da vida de Balzac, pautado pelas suas experiências, contatos e incidentes ocorridos durante sua história.

Neste livro, há a fusão de uma pesquisa biográfica muito experiente com a verdade histórica, ambos ambientados na esfera do romance e alinhavados com a agilidade narrativa característica de Zweig.

Sem dúvida, desde o início, tive a certeza que naquele momento eu tinha encontrado o caminho para a construção da minha tese de doutoramento.

O livro *Balzac – le roman de sa vie*, é constituído por um conjunto de seis capítulos, intitulados livro I – A infância e o início de tudo, livro II – Balzac se construindo como escritor, Livro III – O nascimento do romance, Livro IV – Esplendor e miséria do romancista Balzac, Livro V – O criador da Comédia Humana e Livro VI – Últimas conquistas e morte de Balzac. Juntos formam a espinha dorsal desta biografia escrita por Stefan Zweig em 1946, na versão original alemã, com sua versão francesa datada de 1950, pela Édition Albin Michel.

Os livros possuem, por sua vez, outros subcapítulos que vão construindo, no desenrolar da história, os cenários importantes para cada etapa de vida do escritor francês.

Habilidoso na arte de fazer o relato biográfico, o autor Stefan Zweig se utiliza de um narrador presente no momento de cada ação do personagem principal, como se estivesse ao lado do mesmo e observado o ocorrido para que depois pudesse nos contar. Esta característica sutil, mas que revela parte da magia adotada por Zweig na sua narrativa. Como por exemplo, quando ele, em determinado momento, ao narrar o processo de criação do genial Balzac, o narrador-observador, de forma clara e direta, demonstra incerteza ao tentar dizer em qual fornecedor exato Balzac comprava seu café, visto que ele, o narrador, havia acompanhado o escritor algumas vezes nessas compras.

[...] Ce café se composait de trois espèces de grains : Bourbon , Martinique et moka. Il achetait le Bourbon rue du Mont-Blanc, le Martinique rue des Vieilles-Audriettes, chez un marchand qui sans doute n'a pas encore oublié cette glorieuse recette et le moka, dans le faubourg-Saint-Germain, rue de l'Université, mais je ne saurais plus dire chez quel marchand quoique j'aie accompagné bien des fois Balzac dans ses achats. C'était chaque fois une

demi-journée de marche à travers Paris, mais un bon café valait cela pour lui.(ZWEIG. 1950, p. 177)

Esta conversa agradável, quase que um bate papo, nos acompanha durante o livro todo. Em determinados momentos, nos quais o narrador falará diretamente com seus leitores, deixando bem claro ao leitor que aquilo que ele está nos contando é verdade, ele vivenciou, e é através dele que você, no presente, é transportado para o passado. É a história através dos seus olhos, através da sua versão.

Datas, locais, pessoas são citadas dando a veracidade necessária para que o leitor não feche o livro, porém a arte de contar não está baseada simplesmente em uma enumeração de datas, fatos e personagens. E será neste ponto de confluência entre o real e a ficção, que vou pautar meu trabalho. Estes espaços preenchidos pela imaginação, trazendo o fictício para um relato pretensamente verdadeiro.

Como em um jogo de espelhos, biógrafo e biografado possuem muitas características em comum. Se Balzac passou sua vida toda a correr dos credores, Zweig não encontrou seu lugar no mundo. Sempre se sentindo estranho diante das atrocidades cometidas pelos seus compatriotas, a vida de eterno exilado tornou-se realidade. Aos dois, pode-se dizer que os momentos mais críticos foram os mais férteis para a produção de grandes obras e a partir das mãos de cada um, uma época foi eternizada.

Para François Dosse (2015), “escrever a vida é um horizonte inacessível, que, no entanto, sempre estimula o desejo de narrar e compreender”.

Em momentos de extrema tensão ou mesmo de crise, a situação narrativa reflete, ou não, a busca pelo autor/personagem, da sua imagem perdida frente ao espelho, frente à vida?

A biografia, a meu ver, não deve ser considerada como simples reflexo do real, mas como um vazio a ser preenchido pela pena do autor/personagem. O tempo vivido, agora biografado, permite que os personagens se liberem dos limites impostos pelo real.

Zweig atua como elo entre o universo ficcional e o real e suas contribuições, possíveis intervenções e distorções são de extrema importância para a construção narrativa biográfica, pois será ele o responsável pelo trânsito entre estes dois universos.

Ao biógrafo, é dado o poder de preenchimento das lacunas documentais, como também dos lapsos temporais presentes na unidade narrativa da vida de um personagem.

Ao romancista, quando lhe faltam fontes para a construção da sua obra, é dado a ele o recurso da fantasia. Quanto ao biógrafo, segundo LEJEUNE (2014), na tentativa de manter-se o mais fiel e possível da vida verdadeira do seu personagem, ele está fadado a percorrer um caminho mais difícil. Um caminho que mantém, lado a lado, a ciência e as maravilhas da arte, a verdade sensível do romance e as mentiras eruditas da história.

A Stefan Zweig, biógrafo e romancista, são dadas as duas ferramentas de criação. Da sua pluma fatos viram *estória*. Nela, o passado é eternizado e o que é real e fictício se confundem.

Sendo assim, o gênero biográfico transita entre *mimesis* e vidas imaginárias, misturando erudição, criatividade literária e intuição psicológica. O envolvimento do biógrafo com o personagem biografado torna-se visceral.

É a partir do século XIX que dois polos surgem, um no qual os historiadores, ao descreverem e/ou explicarem o passado, deveriam fazê-lo de maneira racional e objetiva, e outro no qual os homens das letras reinventariam os fatos de acordo com a sua imaginação e subjetividade.

Desta forma, com a delimitação das fronteiras entre ciência e arte, com a cisão entre a biografia e a história, passa a biografia a ser prestigiada pela literatura.

Neste momento, todos os livros que tratassem o passado seriam questionados sobre a sua historicidade ou ficcionalidade. Aos que ousaram tentar cruzar esta fronteira imposta entre a ciência e a arte, foram considerados pouco sérios. Segundo SCHMIDT (2014), hoje, “contudo assistimos cada vez mais a uma série de redefinições e deslocamentos fronteiriços: o mais notável, sem dúvida é aquele que reaproxima história e literatura”.

Ainda segundo o mesmo autor, nos últimos anos, alguns historiadores procuraram examinar as diferentes facetas dos personagens e não apenas os feitos notáveis deles, promovendo o aparecimento em seus textos de outros elementos, como os sentimentos, o inconsciente, a cultura, a vida privada e o cotidiano.

Por sua vez, na literatura, com maior liberdade para deixar agir a imaginação, a exaltação do indivíduo ocorre de maneira mais categórica, na qual o mundo retratado é comandado por um conjunto infinito de possibilidades. A subjetividade dos personagens e a quebra da linearidade do tempo criam e recriam as trajetórias individuais destes indivíduos biografados.

Qualquer escolha mais rígida, na busca de uma verdade social ou psicológica no relato de vida, acarretaria no empobrecimento da narrativa, tirando dela toda a magia da literatura.

Nenhum problema ou dívida foram capazes de apagar ou macular a genialidade do mais importante escritor francês do século XIX. Ao contrário, são os momentos de crise ou de tensão que impulsionaram cada vez mais o poder de criação deste eterno *ser em trânsito*, que pulava de casa em casa, se escondendo dos cobradores de Paris.

Balzac teve uma vida marcada por exageros sem limites. Paralelamente a uma produção monumental, ele arriscou-se em negócios como gráficas e revistas e chegou até mesmo a comprar minas de prata na Sardenha. Todos os negócios, com possibilidade de enriquecer, foram um fracasso.

Escreveu para tentar pagar suas dívidas. Em uma jornada de trabalho, chegava a escrever por até 18 horas seguidas. Ritmo alucinante, nunca teve sossego financeiro, pois sua mania de grandeza o deixava cada vez mais endividado.

Será no final da sua vida, com a maturidade pessoal e artística, que Balzac encontrará a mulher que mudará todo a sua história.

Madame de Hanska, nobre polonesa, fã apaixonada pela sua obra, será a pessoa que proporcionará ao escritor a tão sonhada riqueza e tranquilidade. *Enfin, une femme et une fortune!*

Tranquilidade efêmera. Na madrugada do dia 18 de agosto de 1850, ao lado apenas da sua mãe, figura contraditória na sua vida, Balzac dá o seu último suspiro.

Ignorado em vida por quase todos os colegas escritores, dentre eles, Victor Hugo, Alexandre Dumas, Sainte-Beuve, seu corpo foi conduzido pelos mesmos até o cemitério Père-Lachaise.

Vida e obra se confundem. Autor e personagem se encontram.

Agora, do alto do Père-Lachaise, da mesma maneira que Rastignac, durante o enterro do PèreGoriot, em seu derradeiro momento, Balzacpassa a conquistar Paris:

Rastignac encaminhou-se para a parte alta do cemitério e de lá viu Paris, tortuosamente deitada ao longo das suas margens do Sena, onde as luzes começavam a brilhar. Seus olhos fixaram-se quase avidamente entre a coluna da place Vendôme e a abóbada dos Invalides, no ponto em que vivia a bela sociedade na qual quisera penetrar. Lançou àquela colmeia sussurrante um olhar que parece sugar-lhe antecipadamente o mel e proferiu esta frase suprema:

- Agora, é entre nós dois! (RONAI, 2012, p.321)

Finalmente, gostaria de ressaltar algumas as semelhanças entre Balzac – Zweig, biografado/biógrafo

Os dois apresentam três semelhanças, principalmente quando falamos do objetivo de vida de cada um, ou seja, ambos consagraram sua vida à sua obra literária. A escrita é um dever, algo de muita força e paixão, que eu ousaria chamar de demoníaca e hercúlea.

No que diz respeito à admiração, Balzac representaria um modelo ideal a ser seguido por Stefan Zweig, modelo que ele irá chamar de “método Balzac”. Neste método, de maneira semelhante a um químico, o autor analisa e decompõe os fatos, criando de maneira científica uma realidade, antes de finalmente recriar o mundo a partir daquilo que foi observado por ele.

Outra característica deste método é a retirada do real aquilo que realmente é importante, comprimindo-o e potencializando as suas características, direcionando seus esforços para chegar à essência das coisas. Seus personagens fictícios são paradoxalmente mais do que reais, pois eles ultrapassam esta característica beirando quase o absoluto.

Ao lançar mão da valorização do espaço entre a vida e a obra dos seus biografados, na tentativa dialógica que mistura a factualidade e a ficcionalização do sujeito biografado, Stefan Zweig, parafraseando François Dosse(2015, p.93),nos serve de guia para a valorização



desse espaço entre a vida e a obra, numa mescla tal que as duas dimensões acabam por se confundir e desta forma produz um retrato capaz de traduzir a força titânica de Balzac.

REFERÊNCIAS

BALZAC, Honoré de. *A consciência artesanal*. In: Uma ideia moderna de literatura – textos seminiais para os estudos literários (1688-1922). Trad. de Sandra Regina Guimarães. Santa Catarina: Argos, 2011.

BOURDIEU, P. *A Ilusão biográfica*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.) Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

DOSSE, F. *O desafio biográfico – Escrever uma vida*. São Paulo: EDUSP, 2015.

ISER, W. *O fictício e o Imaginário – Perspectiva de uma antropologia literária*. Trad. Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.

LEJEUNE, P. *O pacto autobiográfico – de Rousseau à Internet*. Trad. de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014.

RONAI, P. *Balzac e a Comédia Humana*. 4 ed. São Paulo: Globo, 2012.

_____. *A comédia Humana – estudos de costumes e cenas da vida privada*. V.4. 3 ed. São Paulo: Globo, 2012.

SCHMIDT, B.B. *Biografia e regimes de historicidade*. Revista Métis: história & cultura - v.2, n.3, p. 57-72, jan. / jun. Caxias do Sul, RS, 2003.71

_____. *Biografia: um gênero de fronteira entre a História e a Literatura*. In: Narrar o passado, repensar a História / Margareth Rago ... [et. al.], orgs. 2 ed. Campinas, SP: UNICAMP/IFCH, 2014.

SOUZA, R. A. *Uma ideia moderna de literatura – textos seminiais para os estudos literários (1688-1922)*. Chapecó, SC: Argos, 2011.

SWEIG, S. *Balzac- Le roman de sa vie*. Paris: Editions Albin Michel., 1950.

_____. *Trois maîtres: Balzac, Dickens, Dostoïevski*. 1.ed. Paris, Atrium Press, E-Book. ISBN 9782253175254, 1976. Disponível em: <<http://www.livredepoche.com/>>. Acesso em 10 de junho de 2016.

_____. *Maria Antonietta – retrato de uma mulher comum*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

_____. *Autobiografia: o mundo de ontem*. Rio de Janeiro. Zahar, 2014.